

PIBIDIANA DE PRIMEIRA VIAGEM: A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BEATRIZ LARA BUCHWISER SILVA PEDRASSANI¹; TAUANA OXLEY²; MARCO AURÉLIO DA CRUZ SOUZA³

¹Universidade Federal de Pelotas – buchwiser.beatriz@yahoo.com

²Universidade Federal de Pelotas – tauana.oxley@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este presente texto visa relatar algumas experiências de uma pibidiana de primeira viagem. O núcleo do PIBID do qual participamos é o da Dança, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza. Atualmente, a bolsista atua na escola E.M.E.I. Antônio Caringi, na turma de Pré II matutino, juntamente com a dupla, Jay Guimarães, sob a supervisão da professora Tauana Oxley. O Programa, financiado pela Capes, proporciona aos bolsistas a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar durante a formação acadêmica, o que é essencial na formação de futuros professores da Educação Básica. Essa experiência possibilita aproximar as teorias e metodologias estudadas na universidade como o dia a dia nas escolas, entendendo na prática a dinâmica da escola pública. Marques (2012, p. 23) reforça que: “Em sala de aula, sabermos relacionar criticamente nossas vivências e conceitos pessoais às vivências e conceitos dos alunos é um primeiro passo, passo esse de suma importância para que redes de relações sejam traçadas, interações sejam construídas, sentidos sejam trabalhados”. A imersão, então, enriquece a formação e fortalece a Dança dentro do currículo escolar nas escolas de educação básica.

A E.M.E.I. Antônio Caringi é uma escola descentralizada que fica no bairro Lindóia, na cidade de Pelotas-RS. Conta com uma infraestrutura básica e um pouco precária em termos de espaço físico, porém, muito acolhedora pelos profissionais que lá trabalham; toda a equipe nos recebeu de braços abertos e esteve disponível para nos auxiliar em qualquer questão. A escola não possui uma sala de dança específica para o desenvolvimento das aulas. Ela tem uma sala repleta de materiais, que inclusive usamos em nossas aulas, só que essa sala se encontra interditada por motivos de infraestrutura, o que é uma pena, já que seria de grande valia para as crianças. Segundo o portal da Secretaria Municipal de Educação e Desporto, a escola conta com 147 alunos.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

"Antes de uma criança começar a falar, ela canta.
Antes de escrever, ela
desenha. No momento que consegue ficar de pé,
ela dança. Arte é fundamental para a expressão
humana." (Phylícia Rashad *apud* Barbosa;
VOLTARELLI, 2021)

Para falar de Dança na Educação Infantil, é preciso entender que “quando se expressam por meio das linguagens artísticas, as crianças estão a falar de si mesmas, pois a arte exercitada e inventada por elas revela quem são e como vivem suas infâncias” (Cunha, 2021, p. 77)

As atividades de dança podem ser uma forma de concretizar e corporificar essas potências de ideias, visões, sensações e percepções de mundo. (Marques,

p.62, 2012). Tomando esse pensamento de Marques como ponto de partida, planejamos as aulas não muito diferentes daquelas que a professora supervisora já estava desenvolvendo, acrescentando outros Scores¹ de movimento nas atividades. Para falar sobre isso, vale destacar a atividade de “circuitos”. Essa prática já estava no repertório das crianças quando chegamos à escola, pois, fazia parte do conteúdo que a professora estava trabalhando, e era evidente o quanto elas participavam ativamente.

O Pré 2C, em que as bolsistas atuaram, tinha seu período de Dança no primeiro horário do turno da aula, ou seja, começava às 7h30 e finaliza às 8h15. Muitas vezes, as crianças chegavam 10 ou 15 minutos depois do horário, mas esse tempo não era perdido: as bolsistas aproveitavam para observar o funcionamento da escola e também a rotina de chegada deles. Por ser no primeiro horário, estavam todos sonolentos, então o aquecimento tendia a ser dinâmico, com a intenção de acordar os corpos; após o aquecimento, as atividades artístico-pedagógicas eram iniciadas.

A atividade “circuito dançante”, como apelidado pelas bolsistas, consistia em um circuito com obstáculos feitos com os materiais pedagógicos da escola, como bambolês, bolas, rolos, quadrados de madeira e tapetes tatames de E.V.A. Esses objetos propunham que as crianças perpassassem por eles explorando os níveis baixo, alto e médio conforme sugerido por Laban (1978). Como a estrutura da escola não é muito grande, foi necessário o uso da criatividade para adaptar a atividade dentro da própria sala de aula ou então no corredor. Todos os objetos e circuitos foram pensados para evitar qualquer risco de lesão física ou psicológica nas crianças. As bolsistas estavam sempre encorajando a todos participarem — aqui não existe “não consigo”, e sim diferentes processos de aprendizagem (como diz a professora Dra Ana Cristina).

Figura 1 - Circuito Dançante



Fonte: Acervo pessoal. **#ParaTodosVerem:** Sala de aula infantil com piso de cerâmica clara. No chão, há figuras geométricas emolduradas: dois octógonos vermelhos e um quadrado azul. Um rolo grande, coberto por tecido laranja e azul, está deitado próximo. À esquerda, cadeiras pequenas de madeira encostadas na parede e uma mesa verde clara ao centro, com bambolês

¹ Scores de movimento são estímulos ou intenções de movimento que deliberam as ações a serem executadas.

verdes apoiados nas laterais. No fundo da sala, brinquedos estão organizados em caixas plásticas e tapetes de E.V.A. verde. Duas pessoas aparecem parcialmente na imagem, apenas os corpos e pernas são visíveis.

Ao longo das aulas, os estímulos do circuito iam sendo complexificados, trabalhando as qualidades de movimento segundo Laban (1978): começou-se com velocidade, depois direções e, na última aula, foi reunido tudo isso junto aos quatro elementos da natureza — água, fogo, ar e terra. As bolsistas perceberam que trabalhar com crianças é sinônimo de brincar! O aprendizado está fundamentalmente ligado às brincadeiras, experimentações, contato com a natureza, sensorialização... e não pode-se tratar disso separado da arte, da dança, da música, do teatro... Santana e Ferriz (2021), com seu projeto de extensão “Crianças na UFBA”, enfrentam o mesmo desafio que nós. Segundo as autoras:

O desafio está em expressar todo esse colorido, esses sons, esse movimento de correr, pintar, pular corda, ao mesmo tempo que se demonstra a solidez teórica dos princípios que o fundamentam, assim como a potência que se constitui na efetivação da tríade pesquisa, ensino e extensão, no fortalecimento de uma universidade pública, gratuita, inclusiva, socialmente referenciada e de qualidade. (SANTANA, FERRIZ, 2021, p.65)

Trazendo a Dança para a discussão, Marques (2012) sugere:

Uma criança maior, em atividade escolar, ao se mover “livremente” a partir das articulações do corpo, ao som de uma música instrumental (não convencional para dança), provavelmente não dirá que está dançando, e sim que está brincando. O mesmo dirá, provavelmente, a diretora da escola, caso não identifique na movimentação das crianças um conjunto de passos sequenciados: ela dirá que os alunos estão se mexendo, mas não dançando. Poderá ela, inclusive, na ausência da música, achar que as crianças estão fazendo bagunça! Será que a dança é necessariamente uma coreografia (conjunto de passos sequenciados)? Será que a dança não pode ser considerada, em si, uma brincadeira? Ou ainda, quando será que a brincadeira vira dança? (Marques, 2012, p.15)

As crianças não entendiam que aquilo ali era uma forma de Dança, achavam que era uma brincadeira, o que de fato não está errado, pois, é sim, uma brincadeira, porém voltada para trabalhar os movimentos com potencial dançante, como Marques afirma:

[...] quando a criança aprende que ‘ir para o chão’ (ou seja, deitar, rolar, usar o nível baixo do espaço) é uma possibilidade dentro do dançar, ela incorpora (apreende no corpo) essa alternativa e passa a utilizá-la em outras danças – o nível baixo passa a ser parte de seu repertório pessoal de movimentos. (Marques, 2012, p.20)

A Dança é algo novo para a E.M.E.I. em que as pibidianas atuaram, então a escola toda está em período de adaptação, e elas estão ali para oferecer o melhor que enquanto docentes em formação e auxiliar a ressaltar a importância da nossa área, mostrando como a Dança se torna potência no desenvolvimento infantil. Após as atividades de cada dia, as bolsistas conversam com as crianças e tentam explicar que o que estavam fazendo era Dança também. Neste período de atuação, as bolsistas perceberam que as crianças

estão construindo uma nova ideia sobre a Dança a cada dia. É importante ressaltar que, por mais sonolentas que estivessem de manhã, elas se entregaram completamente às atividades propostas. O processo ocorrido na escola, junto ao programa do PIBID, auxiliou e continua auxiliando na construção de uma identidade docente enquanto professoras em formação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este programa possibilita as estudantes a atuar na Educação Infantil, estudar e vivenciar a docência na prática. Junto ao PIBID enriquece a formação e as prepara para ingressar nas escolas de Educação Básica já com experiência e conhecimento sobre o seu cotidiano escolar.

Estar na escola e poder ajudar cada criança a se sentir potente em ser quem é, através de uma troca mútua e respeitosa, é uma luta de imensa gratificação e resistência, pois, sabemos da limitação estruturante e carência de políticas públicas eficazes. A escola em que atuamos se mostrou como uma gestão escolar com valorização da Arte e ensino da Dança, tornando as possibilidades de aprendizado possíveis para crianças e professoras. Relacionado ao PIBID, esse relato nos proporcionou uma visão reflexiva em que a Dança precisa ser ainda mais valorizada e defendida como um direito da criança, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e relações interpessoais e com o mundo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, S. M. da. Crianças pequenas e arte: expressões e significações. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 75-84, 2021.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Tradução de Ana Maria Barros De Vecchi, Maria Sílvia Mourão Netto. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978. 268 p. ISBN 85-323-0017-0 .

MARQUES, Isabel A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

SANTANA, J. P.; FERRIZ, A. F. P. Crianças na Universidade Federal da Bahia: a extensão universitária como um lugar para as infâncias. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 63-74, 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO. EMEI Antônio Caringi. Disponível em: <https://site.pelotas.com.br/educacao/portal/escolas/escola.php?id_escola=18701>. Acesso em: 02 ago. 2025.

VOLTARELLI, M.; BARBOSA, E.. Experienciar e expressar: as linguagens infantis na relação com a arte. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 27-44, 2021.